

JEAN-JACQUES
ROUSSEAU
AS CONFISSÕES

PRIMEIRA PARTE

TRADUÇÃO DO FRANCÊS (SUÍÇA) E NOTAS DE
MANUEL DE FREITAS



Aqui está o único retrato de homem pintado exactamente segundo a natureza, e em toda a sua verdade, que existe e que provavelmente existirá alguma vez. Quem quer que sejais vós, que a minha sina ou a minha confiança tornou árbitros do destino deste caderno, suplico-vos pelas minhas infelicidades e pelas vossas entranhas, e em nome de toda a espécie humana, que não aniquileis uma obra singular e útil, que pode servir de primeira peça de comparação para o estudo dos homens que está certamente ainda por iniciar, e que não retireis à honra da minha memória o único monumento seguro do meu carácter que não foi desfigurado pelos meus inimigos. Ainda que vós fôsseis afinal um desses inimigos implacáveis, deixai de o ser para com as minhas cinzas, e não prolongueis a vossa cruel injustiça até ao tempo em que já nem vós nem eu estaremos vivos, para que vos possais entregar pelo menos uma vez ao nobre testemunho de terdes sido generosos e bons quando poderíeis ter sido malfazejos e vingativos; se é que ao mal dirigido a um homem que nunca o fez, nem o quis fazer, se pode aplicar o termo vingança.

Intus, et in cute.⁽¹⁾

Proponho-me fazer algo de que nunca existiu exemplo, e cuja execução não poderá ter imitadores. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a sua verdade natural: e esse homem será eu.

Apenas eu. Sinto o meu coração e conheço os homens. Não sou feito como nenhum daqueles que vi; ousou acreditar que não sou feito como nenhum daqueles que existem. Se não valho mais, sou pelo menos diferente. Se a natureza fez bem ou mal ao quebrar o molde no qual me lançou, é algo que apenas pode ser julgado depois de eu ter sido lido.

Que a trompeta do juízo final soe quando lhe aprover; irei com este livro na mão apresentar-me diante do juiz supremo. Direi altivamente: eis o que fiz, o que pensei, o que fui. Disse o bem e o mal com a mesma franqueza. Nada calei por ser mau, nada acrescentei por ser bom, e, se me aconteceu usar por vezes um adorno indiferente, fi-lo sempre apenas para preencher um vazio causado pela minha falta de memória; pude

⁽¹⁾ «Interiormente e sob a pele.» Esta epígrafe provém de um verso de Pérsio: «Ego in intus et in cute novi» (*Sátira* III, verso 309) [N. T.].



JEAN-JACQUES ROUSSEAU

supor verdadeiro o que sabia que o poderia ser, nunca o que sabia ser falso. Mostrei-me tal como existi, desprezível e vil quando o fui; bom, generoso, sublime quando o fui: revelei o meu interior tal como tu próprio o viste. Ser eterno, reúne à minha volta a multidão inumerável dos meus semelhantes: que eles escutem as minhas confissões, que lamentem as minhas infâmias, que ruborizem com as minhas misérias. Que cada um deles desvele por sua vez o seu coração aos pés do teu trono com a mesma sinceridade; e depois que apenas um deles te diga, se ousar fazê-lo: *fui melhor do que esse homem*.

Nasci em Genebra em 1712, filho do cidadão Isaac Rousseau e da cidadã Susanne Bernard. Tendo uma herança muito medíocre que foi partilhada entre quinze irmãos reduzido a quase nada o quinhão do meu pai, restava-lhe apenas para subsistir o seu ofício de relojoeiro. No qual era, em boa verdade, extremamente hábil. A minha mãe, filha do Ministro Bernard, era mais rica, possuía sabedoria e beleza; não foi fácil para o meu pai obtê-la. Os seus amores tinham começado quase ao mesmo tempo que as suas vidas: entre os oito e os nove anos passeavam juntos todas as tardes na Treille; aos dez anos já não podiam estar separados. A simpatia, a harmonia das almas, fortalecia neles o sentimento que o hábito tinha causado. Ambos, tendo nascido ternos e sensíveis, esperavam apenas o momento de encontrar no outro a mesma disposição, ou, melhor dizendo, o momento esperava-os a eles, e cada um deles lançava o seu coração ao que primeiro dava mostras de o querer receber. O destino, que parecia contrariar a paixão deles, mais não fez do que estimulá-la. Não podendo o jovem apaixonado obter a sua amante, consumia-se de dores; ela aconselhou-o a viajar para a esquecer. Ele viajou sem qualquer proveito e regressou mais enamorado do que nunca. Reencontrou terna e fiel aquela que ele amava. Depois dessa provação, restava-lhes apenas amarem-se durante toda a vida; prometeram-no, e o Céu abençoou o seu juramento.

Gabriel Bernard, irmão da minha mãe, apaixonou-se por uma das irmãs do meu pai; mas ela apenas aceitou casar com



esse irmão na condição de o irmão dela casar com a irmã dele. O amor tratou de tudo, e os dois casamentos aconteceram no mesmo dia. Assim, o meu tio era o marido da minha tia, e os filhos deles foram duplamente meus primos coirmãos. Nasceram dois, passado um ano; depois tivemos de nos voltar a separar.

O meu tio Bernard era engenheiro: ia trabalhar no Império e na Hungria sob as ordens do príncipe Eugene. Distinguiu-se no cerco e na batalha de Belgrado. O meu pai, depois do nascimento do meu único irmão, partiu para Constantinopla, para onde o tinham chamado, e tornou-se relojoeiro do serralho. Durante a sua ausência, a beleza da minha mãe, o seu espírito, os seus talentos(*), valeram-lhe muitas homenagens. Um alto funcionário da Embaixada de França foi um dos que se apressaram a fazer-lhas. Era forçoso que a sua paixão fosse ardente, pois vi-o enternecer-se ao falar-me dela trinta anos depois. A minha mãe tinha mais do que a virtude a protegê-la, pois amava ternamente o marido. Apressou-o a regressar; ele abandonou tudo e regressou. Fui o fruto triste desse regresso. Dez meses depois, nasci fraco e doente; custei a vida à minha mãe, e o meu nascimento foi a primeira das minhas infelicidades.

Não sei como consegui o meu pai suportar essa perda, mas sei que nunca se consolou disso. Julgava revê-la em mim, sem se poder esquecer de que eu lha havia tirado; nunca me beijava sem que eu sentisse nos seus suspiros, nos seus abraços apertados, um lamento amargo a misturar-se com as suas carícias;

(*) Ela tinha-os mais do que a sua condição faria prever, pois o ministro seu pai, que a adorava, educara-a com o máximo cuidado. Ela desenhava, cantava, fazia-se acompanhar à teorba, lia muito e compunha versos sofríveis. Eis uns que fez de improviso durante a ausência do irmão e do marido, ao passear com a cunhada e com os dois filhos dela, sobre um tema que alguém lhe propôs:

Esses dois senhores, que estão ausentes
São-nos caros, longe das nossas mãos;
São nossos amigos, nossos parentes;
São nossos maridos e nossos irmãos,
E pais destes meninos carentes.



JEAN-JACQUES ROUSSEAU

elas tornavam-se ainda mais ternas. Quando ele me dizia «Jean-Jacques, falemos da tua mãe», eu dizia-lhe «pois bem, meu pai, vamos então chorar»; e essas simples palavras já lhe traziam lágrimas. «Ah!», dizia ele gemendo, «traz-ma de volta, consola-me dessa perda; preenche o vazio que ela deixou na minha alma. Amar-te-ia eu assim se fosses apenas filho meu?». Quarenta anos depois de a ter perdido, ele morreu nos braços de uma segunda esposa, mas com o nome da primeira na boca, e com a imagem dela no fundo do coração.

Foram esses os autores dos meus dias. De todos os dons que o Céu lhes concedeu, um coração sensível foi o único que me deixaram; mas ele trouxera-lhes a felicidade, e a mim trouxe-me todas as infelicidades da minha vida.

Nasci quase moribundo; havia poucas esperanças de que sobrevivesse. Trazia em mim o germe de uma indisposição que os anos agravaram, e que agora apenas por vezes me dá tréguas para me fazer sofrer mais cruelmente de outra forma. Uma irmã do meu pai, rapariga amável e virtuosa, teve tantos cuidados comigo que me salvou. No momento em que escrevo isto, ela ainda está viva, cuidando com oitenta anos de um marido mais novo do que ela, mas debilitado pela bebida. Querida tia, perdoo-vos por me terdes feito viver, e atormento-me por não vos poder conceder no fim dos vossos dias os ternos cuidados com que me cumulastes no começo dos meus. Também ainda tenho viva, sã e robusta a minha avó Jacqueline. As mãos que me abriram os olhos quando nasci poderão fechá-los quando morrer.

Eu sentia antes de pensar; é o destino comum da humanidade. Mas sofria mais com isso do que os outros. Ignoro o que fiz até aos cinco ou seis anos: não sei como aprendi a ler. Lembro-me apenas das minhas primeiras leituras e do efeito que tiveram em mim; é nesse tempo que dato a consciência ininterrupta de mim mesmo. A minha mãe tinha deixado uns romances. Púnhamo-nos a lê-los, depois de eu e o meu pai termos jantado. De início, tratava-se apenas de me exercitar na leitura por meio de livros divertidos; mas depressa o interesse se tornou tão intenso que líamos alternadamente, sem pausas,



e passávamos as noites nessa ocupação. Nunca conseguíamos parar antes do fim do volume. Por vezes, o meu pai, ao escutar de manhã as andorinhas, dizia muito envergonhado «Vamos deitar-nos; sou ainda mais criança do que tu».

Adquiri em pouco tempo, graças a esse método perigoso, não apenas uma extrema facilidade em ler e em entender-me, mas também uma inteligência invulgar na minha idade quanto às paixões. Não tinha qualquer ideia das coisas, e já todos os sentimentos me eram familiares. Sem que nada tivesse concebido, eu tinha sentido tudo. Essas emoções confusas, que sentia umas atrás das outras, em nada alteravam a razão que eu ainda não possuía, mas formaram em mim uma de outra índole, e deram-me noções bizarras e romanescas da vida humana, das quais a experiência e a reflexão não me conseguiram curar devidamente.

Os romances terminaram com o Verão de 1719. O Inverno seguinte foi já outra coisa. Esgotada a biblioteca da minha mãe, recorremos à parte que herdámos da do seu pai. Felizmente, encontravam-se nela bons livros, e nem poderia ser de outra maneira; essa biblioteca foi organizada por um ministro, na verdade, e muito sábio, tal como era moda então, mas que era também um homem de gosto e de espírito. A *História da Igreja e do Império*, de Le Sueur; o discurso de Bossuet sobre a *História Universal*; os *Homens Ilustres*, de Plutarco; a *História de Veneza*, de Nani; as *Metamorfoses*, de Ovídio; La Bruyère; os *Mundos*, de Fontenelle, os seus *Diálogos dos Mortos*, foram transportados para o escritório do meu pai, e eu lia-os todos os dias enquanto ele trabalhava. Tinha nisso um gosto raro e talvez invulgar naquela idade. Plutarco, acima de tudo, tornou-se a minha leitura preferida. O prazer que eu sentia ao relê-lo incessantemente curou-me um pouco dos romances, e depressa passei a preferir Agesilau, Bruto, Aristides a Orondate, Artamène e Juba⁽²⁾. Dessas interessantes leituras, das conversas que

(²) Rousseau opõe aqui três heróis referidos por Plutarco a três personagens de romances do século XVIII [N. T.].

proporcionavam entre mim e o meu pai, formou-se esse espírito livre e republicano, esse carácter indomável e orgulhoso, avesso ao jugo e à servidão, que me atormentou durante toda a minha vida nas situações menos adequadas a revelá-lo. Incessantemente ocupado com Roma e Atenas, vivendo por assim dizer com os seus grandes homens, nascido eu próprio Cidadão de uma República, e sendo filho de um pai cujo amor pela pátria era a sua paixão mais forte, inflamava-me com o seu exemplo; julgava-me grego ou romano, transformava-me na personagem sobre cuja vida eu lia. O relato dos traços de constância e de intrepidez que me tinham impressionado tornavam-me os olhos brilhantes e a voz forte. Um dia em que contava à mesa a aventura de Cévola, ficaram assustados ao ver-me avançar e estender a mão sobre um fogareiro para representar a acção dele.

Tinha um irmão sete anos mais velho do que eu. Ele estava a aprender a profissão do meu pai. O extremo afecto que tinham por mim fazia com que o negligenciassem um pouco, e isso não era uma coisa que eu aprovasse. A educação dele ressentiu-se dessa negligência. Seguiu a via da libertinagem, antes mesmo de ter idade para ser um verdadeiro libertino. Foi posto em casa de outro mestre, de onde fazia as suas escapadelas, tal como fizera na casa paterna. Eu quase nunca o via: mal posso dizer que o conhecia; mas não deixava de o amar ternamente, e ele a mim, tanto quanto um devasso pode amar alguma coisa. Lembro-me de uma vez, quando o meu pai o castigava duramente e com cólera, me ter lançado com ímpeto entre os dois apertando-o num abraço. Cobri-o assim com o meu corpo, recebendo os golpes que lhe eram dirigidos, e obstinava-me tão bem nessa atitude que o meu pai teve por fim de lhe perdoar, fosse por ter ficado desarmado com os meus gritos e lágrimas, fosse para não me maltratar mais do que a ele. Por fim, o meu irmão transviou-se de tal modo que fugiu e desapareceu por completo. Algum tempo depois soube-se que estava na Alemanha. Não nos escreveu uma única vez. Não tivemos desde então quaisquer notícias dele, e foi assim que me tornei filho único.

Se esse pobre rapaz foi educado negligentemente, o mesmo não aconteceu com o seu irmão, e os filhos dos reis não conseguiriam ser tratados com mais zelo do que eu fui durante os meus primeiros anos, idolatrado por todos os que me rodeavam, e, o que é muito mais raro, sempre como criança adorada, nunca como criança mimada. Nem uma única vez, até eu sair da casa paterna, me deixaram correr sozinho na rua com as outras crianças; nunca tiveram de reprimir em mim ou de me repreender esses humores caprichosos que imputamos à natureza e que nascem todos apenas da educação. Tinha os defeitos da minha idade: era tagarela, guloso, por vezes mentiroso. Terei roubado frutos, bombons, comida; mas nunca senti prazer em fazer mal, estragos, em acusar os outros, em atormentar pobres animais. Lembro-me, porém, de ter mijado uma vez na panela de uma das nossas vizinhas, a senhora Clot, enquanto ela estava na missa. Confesso até que essa recordação me faz agora rir, porque a senhora Clot, apesar de ser uma boa mulher, era sem dúvida a velha mais rabugenta que conheci na vida. Eis a história curta e verídica de todos os meus delitos infantis.

Como me podia eu tornar maldoso quando apenas tinha diante dos olhos exemplos de doçura, e à minha volta as melhores pessoas do mundo? O meu pai, a minha tia, a minha avó, os meus familiares, os nossos amigos, os nossos vizinhos, todos os que me rodeavam, na verdade não me obedeciam, mas gostavam de mim; e eu também gostava deles. As minhas birras eram tão pouco estimuladas e tão pouco contrariadas que não me passava pela cabeça tê-las. Posso jurar que até ficar submetido a um mestre não soube o que era um capricho. Exceptuando o tempo que passava a ler ou a escrever junto do meu pai, e aquele em que a minha avó me levava a passear, estava sempre com a minha tia, a vê-la bordar, a ouvi-la cantar, sentado ou de pé ao lado dela, e sentia-me contente. A sua jovialidade, a sua doçura, o seu rosto agradável, deixaram-me impressões tão fortes que vejo ainda a sua expressão, o seu olhar, a sua postura; lembro-me das suas pequenas palavras



JEAN-JACQUES ROUSSEAU

carinhosas. Podia descrever como ela estava vestida e penteada, sem esquecer os dois caracóis que os seus cabelos pretos faziam sobre as têmporas, de acordo com a moda daquele tempo.

Estou convencido de que lhe devo o gosto, ou melhor, a paixão, pela música, que só se desenvolveu realmente em mim muito tempo depois. Ela sabia uma quantidade prodigiosa de árias e de canções que cantava com um fiozinho de voz extremamente suave. A serenidade de alma daquela rapariga excelente afastava dela e de tudo o que a rodeava o devaneio e a tristeza. A atracção que o seu canto tinha para mim era tal que não apenas muitas das suas canções me ficaram para sempre na memória, como também, agora que a perdi, regressam algumas totalmente esquecidas, desde a minha infância, e à medida que envelheço inscrevem-se em mim com um encanto que não consigo exprimir. Quem diria que eu, velho rabugento, corroído por preocupações e desgostos, me iria surpreender por vezes a chorar como uma criança ao murmurar essas pequenas árias com uma voz já cansada e trémula? Há sobretudo uma que regressou até mim na íntegra, quanto à ária; mas a segunda metade da letra furtou-se constantemente a todos os meus esforços para a recordar, embora as rimas regressem confusamente. Eis o começo e aquilo de que me consigo lembrar do resto.

Tirsis, não ousou
Escutar a tua flauta de cana
Em plena savana,
Pois disso ouço
já falar na nossa cabana
.....
.....um pastor
.....se dispor
.....sem temor;
Mas há um espinho em toda a rosa.

Procuro onde reside o encanto enternecedor que o meu coração encontra nesta canção. É um capricho do qual nada



compreendo, mas é-me completamente impossível cantá-la até ao fim sem que as lágrimas me interrompam. Planeei centenas de vezes escrever para Paris com o objectivo de encontrar as palavras em falta, se é que ainda alguém as conhece. Mas tenho a certeza quase absoluta de que o prazer que tenho ao recordar-me desta ária se dissiparia em parte, caso eu tivesse a prova de que outras pessoas além da minha pobre tia Suson a cantaram.

Foram esses os primeiros afectos do meu início de vida; assim se começou a formar ou a mostrar em mim esse coração simultaneamente tão orgulhoso e tão terno, esse carácter efeminado, mas todavia indomável, que, oscilando sempre entre a fraqueza e a coragem, entre a languidez e a virtude, me pôs até ao fim em contradição comigo mesmo e fez com que tanto a abstinência como o gozo, tanto o prazer como a sabedoria, me tenham igualmente fugido.

Este modo de educação foi interrompido por um acidente cujas consequências influíram no resto da minha vida. O meu pai teve uma alteração com um tal senhor Gautier, capitão em França, e com parentes no Conselho. Esse Gautier, homem insolente e covarde, sangrava do nariz, e para se vingar acusou o meu pai de ter levado a mão à espada na cidade. O meu pai, que queriam pôr na prisão, obstinava-se com a exigência de que, segundo a lei, o acusador também fosse para lá enviado. Não o tendo conseguido obter, preferiu sair de Genebra e expatriar-se para o resto da sua vida a ceder num ponto em que a honra e a liberdade lhe pareciam estar comprometidas.

Fiquei sob a tutela do meu tio Bernard, que estava então empregado nas fortificações de Genebra. A sua filha mais velha tinha morrido, mas tinha um filho da mesma idade que eu. Fomos os dois estudar juntos para Bonsey, no colégio do ministro Lamercier, para aí aprendermos, juntamente com o Latim, toda a miscelânea de coisas com que este se faz acompanhar sob o nome de educação.

Dois anos passados numa aldeia suavizaram um pouco a minha aspereza romana e reconduziram-me ao estado da infância. Em Genebra, onde não me impunham nada, eu



JEAN-JACQUES ROUSSEAU

gostava da aplicação, da leitura; era quase o meu único prazer. Em Bossey, o trabalho fez-me gostar dos jogos que lhe serviam de descanso. O campo era para mim algo de tão novo que não me cansava de fruir dele. Ganhei por ele um gosto tão intenso que nunca mais se pôde extinguir. A recordação dos dias felizes que ali passei faz-me lamentar não ter conhecido o seu repouso e os seus prazeres em todas as idades, antes daquela que para ali me conduziu. O senhor Lambercier era um homem bastante moderado, que, sem negligenciar a nossa instrução, nunca nos sobrecarregava com deveres excessivos. A prova de que ele se comportava bem é que, apesar da minha aversão ao sofrimento, nunca recordei com desgosto as minhas horas de estudo, e, embora não tenha aprendido muitas coisas com ele, aquelas que aprendi foi sem dificuldade e nada esqueci delas.

A simplicidade daquela vida campestre fez-me um bem de um valor inestimável ao abrir o meu coração para a amizade. Até então eu tinha apenas conhecido sentimentos elevados, mas imaginários. O hábito de vivermos juntos num estado sossegado uniu-me ternamente ao meu primo Bernard. Em pouco tempo passei a ter por ele sentimentos mais afectuosos do que aqueles que tivera pelo meu irmão, e que nunca se deixaram apagar. Era um grande rapaz muito descarnado, muito esguio, tão doce de espírito como fraco de corpo, e que não abusava demasiado da predilecção que tinham por ele em casa, enquanto filho do meu tutor. Os nossos trabalhos, os nossos divertimentos, os nossos gostos, eram os mesmos; estávamos sozinhos, tínhamos a mesma idade, cada um de nós precisava de um camarada; separar-nos era, de certo modo, aniquilar-nos. Embora tivéssemos poucas ocasiões de demonstrar a afeição que tínhamos um pelo outro, esta era extrema, e não só não podíamos viver um instante separados, como não imaginávamos que alguma vez o pudéssemos ficar. Tendo nós os dois um espírito que cedia facilmente às carícias, sendo condescendentes quando não nos queríamos constranger, estávamos sempre de acordo em relação a tudo. Se, por benevolência daqueles



que nos educavam, ele tinha aos olhos deles um qualquer ascendente sobre mim, quando ficávamos sozinhos eu tinha outro sobre ele que restabelecia o equilíbrio. Nos nossos estudos, eu murmurava-lhe a sua lição quando ele hesitava; quando a minha composição estava feita, ajudava-o a fazer a dele, e nos nossos divertimentos o meu gosto mais activo servia-lhe sempre de guia. Em suma, os nossos caracteres combinavam-se tão bem, e a amizade que nos unia era tão verdadeira, que nos mais de cinco anos em que fomos quase inseparáveis, tanto em Bossey como em Genebra, lutámos muitas vezes, confesso; mas nunca foi necessário que alguém nos viesse separar, nunca uma das nossas brigas durou mais de um quarto de hora, e não houve uma única vez em que um de nós fizesse ao outro qualquer acusação. Estas observações serão, se quiserem, pueris, mas delas resulta um exemplo talvez único, desde que existem crianças.

O modo como eu vivia em Bossey adequava-se-me tão bem que apenas lhe faltou durar mais algum tempo para fixar definitivamente o meu carácter. Os sentimentos ternos, afectuosos, tranquilos, serviam-lhe de fundo. Creio que nunca um indivíduo da nossa espécie teve naturalmente menos vaidade do que eu. Elevava-me por ímpetos a movimentos sublimes, mas voltava imediatamente a cair na minha indolência. Ser amado por tudo o que estava próximo de mim era o mais intenso dos meus sentimentos. Eu era afável, o meu primo era-o; aqueles que nos educavam também o eram. Durante dois anos inteiros não fui nem testemunha nem vítima de nenhum sentimento violento. Tudo alimentava no meu coração as disposições que ele recebera da natureza. Não conhecia nada tão encantador como ver toda a gente contente comigo e com todas as coisas. Recordar-me-ei sempre de que, quando respondia ao catecismo no Templo, nada me perturbava mais, se me acontecia hesitar, do que ver no rosto da menina Lambercier sinais de inquietação e de desgosto. Só isso afligia-me mais do que a vergonha de falhar em público, que me incomodava todavia imenso; pois, embora pouco sensível aos elogios, fui-o sempre